

A Posse dos Novos Acadêmicos da APLA

Págs 04 e 05



A VOZ DA ACADEMIA PESQUEIRENSE DE LETRAS E ARTES | JULHO 2023



75 anos da Biblioteca Pública Municipal de Pesqueira. Pág 09

Pág 02



Conto de Zuleide Siqueira Calado. Pág 15

DIRETORIA DA APLA

Presidente: Conceição Alves
Vice-presidente: Gera Santana
Sec. Geral: Maria José Torres Klimsa (Zezita)
2º Secretária: Zuleide Siqueira
Tesoureira: Maria José Gomes (Jusa)

2ª Tesoureira: Maria José Cordeiro (Zezé)
Diretora de Biblioteca e Arquivo: Andréa Galvão.
Diretor de Patrimônio: Nilo Moraes
Conselho: Eduardo Gonçalves e Jacqueline Torres .



ACADEMIA PESQUEIRENSE DE LETRAS E ARTES 22 ANOS

No final do ano 2000, um grupo de pessoas interessadas na cultura da cidade de Pesqueira, teve a brilhante ideia da criação de uma academia que agregasse escritores e artistas com a finalidade de despertar, nos jovens, o interesse pela cultura da região, marcada pela passagem de grandes escritores, historiadores, pensadores e poetas nascidos na lendária cidade, dos quais citamos: Anízio Galvão, Zeferino Galvão, José de Almeida Maciel, Elizeu Araújo, Potiguar Matos, Luiz Cristóvão dos Santos além do Cardeal Arcoverde que batizou a cidade de “Atenas do Sertão”.

De início, a reunião aconteceu numa casa antiga, nº 161, na rua Dr. Lydio Parahyba. O idealizador da Apla foi o acadêmico fundador, Adeilton Tenório de Brito, que se juntou a mais cinco intelectuais com o mesmo objetivo. Eram eles: Aluiz Tenório de Brito, Djanira Silva, Flávio Chaves, José Ailton Monteiro e Leny Amorim. Discutia-se o fato de que, dia após dia, os jovens estariam ficando mais alheios aos valores antigos que fizeram Pesqueira ser, culturalmente, uma das principais cidades de Pernambuco.



No dia 17 de janeiro de 2001, reuniram-se, na sede da UBE-União Brasileira de Escritores, à Rua Santana, 202, no Bairro de Casa Forte no Recife, esses membros da comissão, sob a coordenação de Flávio Chaves, então Presidente da UBE. Na ocasião foi decidido, formalmente, pela criação da Academia, tendo sido eleito Presidente, José Ailton Monteiro, Secretário Geral, Adeilton Tenório de Brito, Primeira Secretária, Leny Amorim e Segunda Secretária, Djanira

Silva, ficando o cargo de Tesoureiro para uma eleição posterior. Então, nascia a Academia Pesqueiraense de Letras e Artes, guardiã da memória da cidade.

No dia 22 de janeiro, foi realizada a primeira reunião ordinária e aprovados o estatuto e regimento interno.

Definidos os quarenta patronos, que foram escolhidos entre os homens mais ilustres que por aqui passaram, deixando o seu legado, foi designada uma comissão para



pesquisar os dados bibliográficos dos mesmos. Esses patronos são aqueles que dão nome às cadeiras, a exemplo da Academia Francesa de Letras, uma das mais antigas, na qual foi baseada a Academia Brasileira de Letras.

E em 28 de maio de 2001, com a posse dos ocupantes das quarenta cadeiras, foi inaugurada a Apla, em seção solene.

Inicialmente funcionou na mesma casa da Rua Dr. Lydio Parahyba, 161, e posteriormente, no ano de 2007, foi sediada no prédio da antiga Fábrica Rosa, cedido em regime de comodato pela Prefeitura, onde funciona até hoje. Homens e mulheres ilustres passaram pelos quadros da APLA, onde deixaram sua marca registrada: Gilvan Maciel, nosso historiador, que muito se dedicou à Academia, foi quem montou a galeria dos patronos e escreveu o livro com a biografia deles. Aluiz Tenório de Brito, Hélio de Siqueira Campos, Irmã Gazzinelli, Jarival Cordeiro do Amaral, Laurene Almeida, Leonides Caraciolo, Lourdes Peixoto, Marcos Macena, Odete Andrada, Sebastião Gomes Fernandes e Carlos Henrique Cabral, que morreu jovem e muito contribuiu para as letras e para as artes. Sem deixar de lembrar nosso saudoso Francisco de Oliveira Neves, que partiu no ano de 2022 e dedicou sua vida à terra natal deixando um legado extraordinário.

Com a ausência dessas pessoas e consequentemente a vacância das cadeiras, a Academia vem renovando o seu quadro, selecionando artistas, escritores e poetas da terra.

Mesmo durante os anos pandêmicos a Apla não deixou de cumprir seu papel, que é disseminar cultura. As reuniões



plenárias foram feitas usando os recursos da tecnologia, através de lives, incentivando a produção literária e artística e os nossos acadêmicos continuaram produzindo.

Em meados de 2022, fomos surpreendidos com a interdição do prédio pela Prefeitura, em virtude de um acidente ocorrido no Centro Comercial Rosa, o que não foi motivo para suspender nossas atividades, mais uma vez, as reuniões mensais continuaram sendo realizadas em espaço cedido pela Biblioteca Pública Municipal. Só agora, já na metade do ano 2023, com os problemas do prédio/sede solucionados, estamos retornando a nossa casa. Várias turmas foram selecionadas, durante esses 22 anos, sendo que a mais recente, cuja posse oficial ocorreu no dia 27 de maio de 2023, no Hotel Estação Cruzeiro, quando foram diplomados cinco acadêmicos, entre poetas,

compositores e escritores, teve um diferencial; esses membros ingressaram nos quadros da APLA no período da pandemia da covid19, 2020/2021, o que impossibilitou a realização desse evento, porém já se encontram engajados nos trabalhos da Instituição contribuindo para a literatura e para as artes, cada um na sua área, com livros lançados em prosa e poesia, crônicas publicadas em jornais, blogs e composições musicais, o que muito nos orgulha. São eles: Andréa Luciene Galvão de Siqueira, Carlos Alberto Galindo de Medeiros, Flávio José Jardim, José Célio Guimarães e Nilo Bezerra de Moraes.

Texto:
**Conceição
Alves**

Presidente
da APLA.





A Posse dos Novos Acadêmicos da APLA

Texto: Andréa Galvão

No início de 2020, o então presidente da Academia Pesqueirense de Letras e Artes (APLA), Geraldo Santana, publicou o edital que admitiria novos acadêmicos. A partir dali, sonhos surgiram para aqueles que pleiteavam ocupar uma cadeira na distintíssima entidade.

D o c u m e n t a ç ã o , Curriculum, produções literárias, carta ao presidente, reunidos não necessariamente nesta ordem, porém absolutamente necessários. Os resultados foram rapidamente divulgados e para a surpresa de todos os selecionados, o dia que se tornariam membros da APLA precisaria ser adiado, em decorrência da Pandemia do Coronavírus.

Hospitais lotados, o medo propagado, isolamento social imposto, pessoas contaminadas e mortas e o grande vilão era um inimigo invisível, ninguém jamais poderia supor onde estava.

Cinco novos imortais iriam compor o seleto grupo de intelectuais da cidade de Pesqueira, Célio Guimarães,

Andréa Galvão, Carlos Alberto Galindo, Nilo Moraes e Flávio J. Jardim e a festa da posse por mais aguardada que fosse, não poderia ocorrer.

As autoridades proibiam qualquer aglomeração pública, prudentemente obedecemos. No entanto, recorreremos à tecnologia e de forma remota, o presidente empossou os novos acadêmicos no dia 13 de outubro de 2020.

A cruel pandemia durou mais do que imaginávamos e queríamos, o sonho de vestir o lindo fardão azul com dourado foi adiado por muitas vezes e depois de todos vacinados e o contágio sob controle, a presidente, Conceição Alves de Lima anunciou uma data para empossar os aguerridos novos acadêmicos e



Veja fotos abaixo do evento...

seria num dia bastante significativo para todos nós, 27 de maio de 2023.

No dia em que a APLA celebrara o seu aniversário de 22 anos, estiveram reunidas cerca de 100 pessoas no auditório do Hotel Cruzeiro para assistir a tão esperada solenidade de posse a qual Jacqueline Torres foi a mestre de cerimônias. Homenagens se multiplicaram, belíssimos discursos se sucederam, Maria José Gomes (Juzíssima), era toda “sorrisos” na ocasião de entrega dos diplomas e Conceição realizou o que prometeu.

Mesa composta por diletos representantes de importantes entidades como: Evandro Barbosa, Átila Frazão, José Maria Torres e Paulinho Muniz abrilhantaram a noite, o título de sócia benemerita foi dado a Rita de Cássia e de Colaborador da nossa academia, quem recebeu foi a Jorge Luiz Gomes. Isso tudo, a alegria dos novos membros e de seus convidados coroou a noite que ficará na memória de muitos.





A Solenidade

Conduzidos pela Acadêmica, Maria Rita Freitas de Albuquerque e, ao som do Bolero de Maurice Ravel, adentraram um a um e tomaram assentos do lado direito do salão. Célio Guimarães, Andréa Galvão, Carlos Alberto Galindo, Nilo Moraes e Flávio J Jardim, ocupantes das cadeiras de número: 03, 26, 28, 35, 36, respectivamente. Jacqueline Torres iniciou o cerimonial, convocando Sheila Maiara, para ler um lindo texto da autoria de Zezita Torres que dava as boas-vindas a quem tomava posse naquele dia. A presidente da casa, Conceição Alves, declara aberta a sessão e os olhos se voltam para os novos membros que fizeram o juramento, receberam diploma, regimento, medalhão, que ostenta a logomarca da academia e faz alusão à capital da Grécia para não esquecer da alcunha dada à Pesqueira pelo Cardeal Arcoverde, a “Atenas do Sertão”.



Efemérides



**Francisco
Aquino**



Alípio Cordeiro Galvão

Alípio Cordeiro Galvão
(23/01/1888- 5/7/1953 (65 anos):

Nasceu na Fazenda Cacimbão em Pesqueira-Pe.

Filho do grande jornalista e escritor Zeferino Cândido Galvão e sua esposa Arminda Cordeiro Fonseca.

Fez seus primeiros estudos com sua genitora na Escola Pública de Pesqueira e com seu irmão sobre a tutela do Professor João Camilo Cordeiro Valença.

Fundou o Jornal O Serrano e publicou artigos na Gazeta de Pesqueira em prosa e versos. Tocava instrumentos musicais de sopro, destacando-se como violonista e compositor de música clássica e popular.

Foi colaborador da Gazeta Pesqueirense que era do seu pai, sendo o braço direito na produção do jornal até 1922, quando foi pra capital com seu genitor.

Na vida pública ocupou o cargo de agente postal e secretário da

prefeitura de Pesqueira e foi funcionário público federal do Ministério da Agricultura, lotado na Inspetoria do Fomento Animal- Fazenda Tejipió.

Sua memória está guardada na cadeira 21 da APLA sendo guardião no momento, o acadêmico, Francisco Aquino.



Cativeiro Aberto

*Este poema é dedicado aos
dependentes de drogas e
depressivos.*

*São grossas e pesadas as correntes
Que prendem os laços enfeitados, com fita da vida
São de aço frio, os elos que encaixam-se
Formando um entrelaço de queixas sentidas.*

*Nem mãos, nem pés, estas correntes abraçam
Nem a qualquer parte do corpo elas detêm.
Forte e firmes, invisíveis dominam
Sentimentos e sentidos, sob seu poder, retêm.*

*Almas inquietas, assim acorrentadas
Aos vícios, aos medos, ocultando seus segredos
Ocultando sorrisos, numa tristeza sentida, incontida
Inibindo sonhos, desviando enredos.*

*Caminham assim, os cativos de mil loucuras
Nos cárceres das dependências em desatino
Desesperados, sem perspectiva
Vendo amordaçado e selado o seu destino*

*Mas, para tão grande mágoa e desesperança
Acena um lenço branco, que sana toda dor
Chamando à vida, inundando-a de amor*

*Cativeiro aberto, quebradas as correntes
Livres a correr pra fonte que conduz
Àquele que nos cura e que te procura, Seu nome é Jesus.*

Margarida Maciel



BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL PREF. LUIZ NEVES



Biblioteca Pública Municipal de Pesqueira, 75 anos de história

O livro começa a fazer parte da vida do homem, quando este passa a dominar a escrita. Nos primórdios, as bibliotecas eram chamadas de "minerais" e o seu acervo era constituído de tabletas de argila, impressos com a escrita cuneiforme. As primeiras bibliotecas surgiram na Mesopotâmia (atual Iraque) por volta do ano de 4.000 a.C. A história segue o seu curso e o conglomerado de registros escritos não perde importância, desde então eles foram feitos nas mais diversas formas, em peles de animais, rolos de papiro e

posteriormente no papel. No Brasil, elas surgiram no século XVI em Salvador com a instalação do Governo Geral e quem montou os primeiros acervos foram os religiosos da Companhia de Jesus (jesuítas), após a expulsão deles pelo Marquês de Pombal, foi reestruturada com a chegada da família real portuguesa, passando a se chamar Biblioteca Nacional. Em Pernambuco, durante a administração do Conde da Boa Vista foi criada a Biblioteca Pública de Pernambuco em 1841, porém só foi inaugurada em 05 de maio de 1852, quando passou a funcionar no Liceu Pernambucano. Esse oportuno passeio pela história nos leva a compreender a importância de abrigar livros, revistas, documentos e outros para que

eles estejam bem protegidos e acessíveis a todos, sobretudo aos que mais precisam. Imbuído deste pensamento, o então vereador, Luiz Neves, fundou a Biblioteca Pública Municipal da cidade de Pesqueira em 18 de junho de 1948. O espírito de menino inquieto e ávido por desbravar o conhecimento o guiou numa complexa empreitada. Depois de angariar recursos, escolher local, adquiriu os livros que constituiriam a tão sonhada entidade. De início ela funcionou num imóvel, localizado na Praça Dom José Lopes (à direita da Catedral) e ao longo dos anos, o patrimônio cultural do nosso povo foi submetido a uma espécie de nomadismo, uma vez que esteve em muitos outros logradouros em prédios alugados. Rua Duque de



Caxias, Anízio Galvão, Adalberto de Freitas, Av. Pio XXII, Cardeal Arcoverde, enfim. Os anos passaram rápido e um relevante acervo histórico, bibliográfico e documental não foi cuidado da forma que tanto merecia, pois a cada mudança, perdas

significativas eram contabilizadas. Finalmente em 2021 um grande planejamento foi feito pelo então secretário de educação, Thiago Torres para revitalizar e reinaugurar o que Luiz Neves idealizou, anos atrás. Um prédio público todo reformado e bem

aparelhado iria acomodar o que foi reunido ao longo de sete décadas. Uma equipe comprometida em organizar tudo, decorar, arrumar e atender da melhor maneira os leitores que frequentasse, foi ininterruptamente liderada pela professora, Andréa Galvão. Obstinação, arregaçaram as mangas para pôr tudo em ordem e assim ocorreu. No dia 04 de fevereiro, às vésperas do dia da nossa padroeira, santa da devoção de Luiz, a Biblioteca Pública Municipal Prefeito Luiz Neves é reinaugurada na Rua Laiete de Freitas no nº 65, na ocasião houve uma bonita festa que contou com presenças ilustres e marcantes, entre elas, a do saudoso irmão, o advogado, jornalista, inesquecível e fazedor de cultura, Francisco Neves. Hoje, esta distinta casa de saberes, completa 75 anos (Bodas de Brilhante) num feliz casamento com Pesqueira, assim se deu a consolidação da bem-sucedida trajetória e dos relevantes serviços prestados à população. Agora que está muito bem instalada, estimo que tenha uma vida longa e à frente dela, haja sempre pessoas com muito amor à palavra escrita e à cultura local para dedicar-lhe os cuidados necessários, a fim de que seja eterna, assim como toda a sua riqueza patrimonial!



Zelar

Cuidar da essência
Arejar pensamentos,
Enxugar a lágrima alheia,
Não se apegar a tormentos.
Cultivar a paciência.

O mundo adoeceu
Em sofrimentos, agonizou.
Mas a lição pretendida
Pelo nosso Criador.
A humanidade não aprendeu.

É preciso mais zelo,
Empatia, fé e esperança.
Não há tempestade sem bonança.
O bem que quer pra si, doar...
Esse é o meu apelo!

Andréa Galvão



Um estranho sonho erótico

José Antônio Ferreira da Silva

"Essa crônica foi totalmente inspirada nos poemas do livro 'Amor Natural' de Carlos Drummond de Andrade."

Ontem, eu tive um sonho erótico, mas não foi um sonho qualquer, esse foi especial. Pode parecer estranho, pois foi repleto de poesia. Eu sei, você vai dizer: "meu amigo tesão não combina com poesia". Quem disse!? Poesia é melhor forma de descrever o sexo. E a única forma de entender o que dizem os urros e sussurros, de decifrar os enigmas dos orgasmos e de também nos levar ao êxtase.

O meu sonho era um mergulho nos versos de "Amor Natural" de Drummond. Era como se ele fosse em seus versos, me mostrando os mistérios e prazeres que só o sexo pode nos proporcionar. Sexo, essa força misteriosa que nos arrasta em busca do outro. O sexo mata o egoísmo, pois precisamos de outra pessoa, de outro corpo. Eu sei, é possível fazer sexo sozinho, mas não é a mesma coisa. Como diz Rita Lee, "sexo é dois". É um corpo buscando outro corpo, são as mãos buscando os peitos e esquecendo o coração, são as línguas deslizando pelos corpos trêmulos de prazer, é o finito se perdendo no infinito.

Sim, mas onde entra Drummond nessa história? Calma, ele já está aqui. Pois foi justamente com ele que eu aprendi que "o corpo noutro corpo entrelaçado, fundido, dissolvido, volta à origem dos seres, que Platão viu completados: é um, perfeito em dois; são dois em um". E essa magia só sexo consegue, essa

união dos diferentes, esse calar de bobagem, de discussões imbecis que não levam a nada. Na hora do sexo, ninguém quer ter razão, todos queremos tesão, prazer e gozo. Como diz o poeta: "quantas vezes morremos um no outro, no úmido subterrâneo da vagina, nessa morte mais suave do que o sono: a pausa dos sentidos, satisfeita". Ah! O sexo... bendito seja, força maior que há em nós, maior que nós. Quantas loucuras fazemos, a quantas coisas nos submetemos por ele.

Nesse sonho, os versos de Drummond me conduziam, mas eramos só eu, você e o universo. Mas o universo, coitado, pouco importava, eramos nós! Eu sei que "o que se passa na cama é segredo de quem ama", mas peço licença para contar. Até por que não começávamos na cama, seguindo os versos descobríamos que "o chão é a cama do amor urgente", "sobre o tapete ou duro piso", nos entregávamos aos desejos do momento, deixávamos nos levar pela força animal que habita nossos corpos.



Desprezávamos, novamente, a cama. E “sob o chuveiro amar, sabão e beijos, ou na banheira amar, de água vestidos, amor escorregante”. Mas nem a água arrefecia o calor dos nossos corpos. “Os dois nos movíamos possuídos, trespassados”, com ou sem ritmo, pouco importava, seguíamos guiados pelos próprios gemidos e sussurros. Puro tesão a nos conduzir pelos caminhos do prazer.

O que dizíamos um ao outro... nada! Seguíamos o poema “A língua lambe”, que diz que “quanto mais lambente, mais ativa, atinge o céu do céu, entre gemidos”. Realmente, Drummond, parecíamos, entre balidos e rugidos, leões na floresta, completamente enfurecidos de desejo. Um desvendando o corpo do outro pelo tato e pelo deslizar de línguas enlouquecidas. Prazeres exclusivos do sexo, puro êxtase. Eu me perdendo dentro de você, penetrando sua alma através dos

mistérios do seu corpo. Meu corpo e seu corpo em um vai e vem frenético em busca do infinito, “já sei a eternidade: é puro orgasmo”. Único momento realmente além do espaço e do tempo. E o nosso foi um orgasmo quase utópico, eu e você ao mesmo tempo, descobrindo o infinito, mergulhando no cosmos de nós mesmo.

Ainda bem que o sonho não terminou no orgasmo. Drummond, em seus versos, deixa claro que “mulher andando nua pela casa envolve a gente de tamanha paz”. Mas minha maior fantasia era te ver pelo meio da casa apenas com minha camisa, como se meu corpo continuasse envolvendo o teu, como se estivéssemos fundidos um no outro. Quando te vi com minha camisa preta... Essa visão paradisíaca, você com minha camisa, me fez, em profunda paz, adormecer, isso lá no mundo dos sonhos. Por aqui, infelizmente, eu acordava, só com a lembrança desse estranho sonho erótico...





João Capri

A Poeira do Tempo (Redenção)



*Os ventos fortes degradam
O cenário da paisagem
Com força desenfreada
Tracejam e talham veredas*

*Transformam-se em tempestade
Furor de um tempo, implacável
Transa atroz e irrefreável
Painel voraz de incertezas*

*Abrem-se véus e cortinas
De desafios e argumentos
Tramam mistérios e enigmas
Sopram A Poeira do Tempo*

*Nas sendas intransponíveis
As rotas e vias da estrada
De atalhos, entremeadas
Traçam a nova jornada*

*O tempo efêmero e possante
Viaja lépido e voraz
Sem pausa, segue em frente
Não recua, é contumaz*

*Na volta ao ciclo da vida
Busco minha redenção
Corrijo os atos impuros
Descabidos, sem noção*

*Breve, finito e egoísta
Em mim, pensei imortais
Torpes essências humanas
Inconcebíveis e imorais*

*Vou revisar a existência
Mudar conceitos morais
Com edificantes exemplos
De arquétipos ideais*

*Erguendo os olhos pro céu
Num indecifrável clamor
Louvo e agradeço a DEUS
Por seu anômalo Amor...*

Pensar Nação

Pedaços de história formando uma só história. Isso é Nação.

Pensar Nação é pensar características étnicas, valores comuns que moldaram a formação, língua, costumes, entre outros fatores, formando a identidade de um segmento social, em determinado lugar. Seus anseios, temores, lutas, também seus sonhos.

Pensar Nação é pensar em tudo aquilo que toca os indivíduos: passado histórico de um lugar, estilo de vida, hábitos, tradições, crenças, tal qual um manto, um estandarte que se carrega para onde quer que se vá. É ter orgulho de ser o que a vida ofereceu em determinado lugar do universo.

Ao deixar esse lugar, é natural que as pessoas sejam reconhecidas pela identificação de sua origem, onde quer que se encontrem, pois nação é mais que um lugar. Não delimita espaço físico, nem tem sede fixa. Nação é gente que circula aqui, ali ou em qualquer parte, carregando na sua bagagem fragmentos de sua história pessoal e da história onde viveu ou ainda vive. Não se

restringe às paredes geográficas. Pensar Nação é sentir o corpo com alma volátil. Da alma que vai tomando a forma do corpo que se encontra em qualquer tempo ou local. É perceber o corpo que, mesmo amassado por pesadas lembranças, conserva ereto o espírito no espelho de boas recordações. É ver, adaptar a vida, relendo o mundo em sua contínua rotação.

A Nação está sempre atenta ao seu passado, sim, mas numa fusão com o presente, pois aquele é referência para este. Passado não deveria ser mero objeto de contemplação com saudosos suspiros de uma época. Mas uma constatação de que no presente estão enxertados valores que o tempo não consegue corroer.

Muitos fazem parte da história de um lugar, ainda que não sejam seus filhos. E esse lugar passa a fazer parte de sua história. Estudo, colégio, professores, colegas, vizinhos de rua, todos deixaram marcas inapagáveis na memória e no coração. Reviver esse período através de encontros descontraídos, com certeza, dimensiona e dá sabor ao existir.

Bonito observarmos o

grupo de tabirenses que tem dado presença aos Encontros da Colônia de Pesqueira, conhecida como a “Grande Nação Pesqueirense” – GNP, no Círculo Militar, em Recife. Uma mesa tornou-se “cativa” para os fios prateados que se agitam em calorosas conversas. Passos adolescentes ali deslizam ao som que lhes traz - quem sabe? - algum perfil perdido nas esquinas de Pesqueira, onde alguns estudaram. Lá estão eles, fazendo florescer a “Grande Nação de Tabira”. Que eles se constituam exemplo e sugestão para outros que, em décadas passadas, vindos do alto sertão, lá estudaram. Época em que o ensino nos colégios da terra era referência por sua qualidade. Por certo, dela levaram não apenas recordações, mas aprenderam o exercício do bem.

Nação, um bem que desconhece espaço determinado, mas reconhece pessoas com quem podemos compartilhar “coisas essenciais”, diz Isolda Assis, contrerrânea entusiasta que “briga”, torce e se empenha pela preservação da “Grande Nação Pesqueirense”.

Assim é a “Grande Nação Pesqueirense”: ambiente de fraternidade, “papos de leseira”, tudo serve de pano de fundo para os que tentam alargar a terrinha, trazendo-a para outro espaço, esticando suas pernas, e abrindo os braços para um novo tempo de ser.

**Publicado no
Jornal O
Coloniano,
direção de
Roberto Faria, Nov/2010)**



Zuleide Siqueira

Batidas- TOC... TOC...TOC...



De repente escuto batidas na porta da frente da casa. São batidas fortes, de alguém que está apressado. TOC...TOC...TOC...

Insistem os sons. Tento me levantar com pressa, do sofá onde estou sentada. Mas, não consigo. Tenho que obedecer aos movimentos lentos pelas dores que sinto na coluna.

Digo: -Já vai, espere um pouco!

E aí consigo me levantar e vou até à porta. Abro e não vejo ninguém! Fico a imaginar quem seria!? Volto ao meu lugar e continuo a leitura que estava fazendo. Esqueço as batidas e volto a ficar isolada, pois estou sozinha, e um sentimento de tristeza toma conta de mim. É quando as lembranças de tempos passados veem à minha mente. Vejo-me com 15 anos, em minha casa com meus pais, meus irmãos. Tudo é só festa, alegria e saudade. Então me acordo e vejo que tudo não passou de um sonho...

SIQUEIRA, Zuleide Calado
Pesqueira, 20/09/2014

Acróstico

Ser Sacerdote

Serviço prestado com Amor
Esperança de chegarmos ao Eterno,
Respeito pelo Dom que Deus lhe concedeu

Sacramento de Amor e de Paz,
Alegria de servir a todos sem distinção

Certeza de um bem maior em si mesmo,
Espiritualidade no dia-a-dia

Reconhecimento pela Graça de Deus,

Dádiva Divina e Eterna,

Orgulho de ser fiel ao Carisma

Ternura pelo que faz e transmite,

Encantamento por Ser e Dizer sempre sim

SIQUEIRA, Zuleide
Calado

Pesqueira, 01/08/2021



Tributo a Caú

Meu amigo! Meu irmão!

Quando vieste a este mundo, tinhas a missão de encantar, através da música. Tarefa esta que cumpriste com requinte e qualidade.

Carlos Alberto, o Caú do Baixo, inigualável músico que ao se apresentar nos inúmeros palcos da vida, passava a impressão que o seu instrumento de trabalho fazia parte do seu elegante corpo e chamava a atenção de todos que amavam a música que na verdade é um Dom Divino.

Caú do Baixo.

Bom caráter e excelente amigo, cidadão exemplar. Todos que tiveram a Graça de viver e conviver contigo se sentem prestigiados por Deus, pois bastava o teu constante sorriso para dar paz e serenidade a qualquer ambiente.

Ao completar o seu ciclo aqui na terra, você foi chamado para uma Nova e Divina Missão, determinada pelo Criador.

Assim você partiu para a eternidade.

O mundo se tornou pequeno para abrigar o seu talento.

Determinação Divina a gente cumpre e assim, você partiu e nós que tivemos a Graça de conviver contigo, a princípio amargamos uma grande dor.

Mas ao refletirmos sobre o Ciclo Natural da Vida e a Visão da

Divindade, nós nos rendemos à evidência de que a nossa vida continua em outro plano, plano este capitaneado pelo SUPREMO CRIADOR DO UNIVERSO.

Siga em Paz, Amigo Irmão...
Até logo!

SanGer

O BEM

O bem é reciprocidade
É um gesto de ternura
É o semear doçura
Plantando felicidade

É soprar bons pensamentos
Ser mensageiro da paz
Entender, Doar, amar e mais
Acolhendo com sentimentos

Fazer o bem é riqueza
É se vestir de beleza
É uma mão que afaga

Fazendo melhor o mundo
Tornando-o livre, fecundo
Na luz que nunca apaga



SanGer

Quantos Somos?

População de Pesqueira é de 62 722 pessoas; Alagoinha 13 542; Venturosa 17 251; Sanharó 18 624; Poção 10 500; Jataúba 15 843; Belo Jardim 79 507 e Arcoverde 77 586

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou no dia 28 de junho, os primeiros resultados do tão aguardado Censo Demográfico de 2022.

Após adiamentos causados pela pandemia de Covid-19 e falta de recursos, o Censo finalmente traz à luz dados surpreendentes sobre as cidades do Agreste de Pernambuco, revelando crescimentos populacionais, quedas inesperadas e transformações demográficas marcantes.

As transformações em Pesqueira e Venturosa. Uma análise minuciosa dos números do Censo revela um cenário intrigante nas cidades do Agreste. Pesqueira, conhecida por sua rica história e vibrante cultura, registrou uma queda sutil, com a população estimada em 62.722 residentes em 2022, uma pequena redução de 15 pessoas em relação a 2010.



No entanto, Venturosa experimentou um crescimento notável, com um total de 17.251 habitantes, representando um aumento significativo de 4,98% em relação à última década.

Houve variações em Alagoinha, Sanharó, Poção e Jataúba. O Censo também revelou nuances nas cidades vizinhas. Alagoinha, situada no encantador Agreste, contabilizou uma redução populacional de apenas 17 pessoas, totalizando 13.542 habitantes em 2022.

Sanharó, por sua vez, experimentou uma redução mais expressiva, com 18.624 residentes, em comparação aos 21.955 registrados em 2010, representando uma queda de 15,17%.

Poção, também no Agreste de Pernambuco, apresentou uma queda de 4,71%, com 10.500 habitantes em 2022, em relação aos 11.019 registrados em 2010.

Jataúba, cidade vizinha, registrou uma pequena queda em sua população, passando de 16.042 para 15.843 habitantes no período analisado.

Belo Jardim e Arcoverde lideram o crescimento. Os números do Censo mostram um crescimento empolgante em Belo Jardim, que atualmente abriga 79.507 habitantes. Esse crescimento representa uma taxa populacional impressionante de 9,77% em relação a 2010, quando a cidade contava com 72.432 moradores.

Já Arcoverde, localizado na entrada do Sertão pernambucano, experimentou um crescimento significativo, alcançando uma população de 77.586 em 2022, em comparação aos 68.253 habitantes registrados em 2010, representando um crescimento notável de 13,67%.





A carne é fraca —
Na radiografia
só osso se destaca.

Gui

